

Antoine Emaz e Age de Carvalho: poetas de pele e osso

Antoine Emaz and Age de Carvalho: skin and bone poets

Francisco Alison Ramos da SILVA¹
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO: Este artigo visa à análise comparativa parcial de *De peu* e *Arquitetura dos ossos*, de Antoine Emaz e Age de Carvalho, respectivamente. A exemplo do poema “Os, 9”, da primeira obra, e do poema “IV”, da segunda, presente na parte “Os quintais”, analisamos os sentidos da metalinguagem nos dois poetas. Além de outras semelhanças, este é o elemento poético que mais os aproxima: o modo como enxergam a criação literária, presente no cotidiano e, portanto, sentida na pele e nos ossos do eu lírico de cada poema. Utilizando-se de linguagem simples e livre de palavras de enfeite, nossos poetas trazem imediatamente à tona, no tempo e no espaço, estes reinventados liricamente, questões mais profundas, relativas aos problemas do homem no mundo e à sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Antoine Emaz; Age de Carvalho; Metapoesia; Existência humana

ABSTRACT: This paper aims at the partial comparative analysis of *De peu* and *Arquitetura dos ossos*, of Antoine Emaz and Age de Carvalho, respectively. Like the poem “Os, 9”, of the first work, and the poem “IV”, the second, present on the “Os quintais”, we analyze the meanings of metalanguage in the two poets. Besides other similarities, this is the poetic element that brings them closer: the way they see literary creation, present in daily life and therefore felt in the skin and bones of the lyrical I of each poem. Using simple language and free of words of embellishment, our poets immediately bring to light, in time and space, these reinvented lyrically, deeper issues, concerning the problems of man in the world and their existence.

KEY WORDS: Antoine Emaz. Age de Carvalho. Metapoetry. Human existence.

Introdução

Antoine Emaz e Age de Carvalho são poetas que atuam, respectivamente, nos cenários literários contemporâneos de expressões francesa e brasileira. O primeiro

¹ Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Ceará, na modalidade sanduíche, na Université de Paris, Sorbonne, Paris IV.

nasceu em Paris, em 1955, e atualmente vive e trabalha em Angers, pequena cidade do interior da França. O segundo nasceu em Belém do Pará, em 1958, no estado brasileiro do Pará, e atualmente vive e trabalha em Viena, na Áustria. Apesar da distinção cultural entre esses dois poetas, ambos pertencem à mesma geração e se interessam igualmente pela expressão direta dos sentimentos, preferindo, por essa razão, uma poesia do corpo e da matéria.

A materialidade poética dos autores de nossa análise pode ser observada no conjunto de suas obras. Um dos títulos de Antoine Emaz é por si mesmo uma evidência dessa afirmação: *Peau (Pele)*, de 2008. Outros, como *Nuit d'eau (Noite d'água)*, de 2000, *De l'air (Do ar)*, de 2006, e *Os (Osso)*, de 2004, reforçam esse argumento. O mesmo vale para Age de Carvalho, sobretudo quanto às obras *Arquitetura dos ossos*, de 1980, *Arena, areia*, de 1986, e *Pedra-um*, de 1990, para citar somente alguns exemplos. Todos esses títulos evocam imediatamente elementos concretos que participam da construção da natureza física e que, por analogia, estão presentes no fazer poético dessas obras, funcionando, antes de tudo, como força significante. Por isso vale ressaltar que essa materialidade, por ocasião da fabricação literária, mistura-se aos sentimentos expressos em cada poema. Trata-se de um lirismo que só pode ser percebido, ou melhor, sentido pelo corpo em sua fadiga e em sua solidão, à medida que o tempo passa, movendo as angústias suscitadas pela estreiteza da vida, em estado de sonho.

Assim, o objetivo deste artigo é a análise comparativa dos poemas “Os, 9” e “IV”, presentes em *De peu* e *Arquitetura dos ossos*, de Antoine Emaz e Age de Carvalho, respectivamente. Utilizando-se de linguagem bastante simples, ambos os poemas partem do tema metalinguístico para que aquele que se expressa em cada um deles construa a sua poesia de sonho e matéria e, através dela, construa-se a si mesmo enquanto eu poético. Isso possibilita uma compreensão melhor da existência, tornando-a suportável, apesar de sua complexidade.

1. “Até o osso e tripas degradadas”

Toda a poesia de Antoine Emaz apresenta traços de angústia, caracterizada mais precisamente pela náusea. Desse modo, ao entrarmos em contato com essa escrita, é inevitável pensarmos na ideia de náusea, presente na obra Jean-Paul Sartre e encarnada em Roquentin, protagonista de *La nausée*. Há sempre algo novo, revelado nesse contato, que nos toca a cada um, numa espécie de êxtase terrível, através do qual os

seres existentes permitem encontrar-se, ou que é oriundo desse encontro. Mas parece que, diferente do que se passa em Sartre, a náusea de Emaz é ainda mais acentuada, porque, em sua poesia, cada ser, ao invés de encontrar-se com o outro, permanece fechado em si mesmo, numa espécie de ilha de ser. Nesse caso, resta, portanto, a poesia. E esta talvez seja o último recurso para atenuar o peso dessa angústia terrível, conforme vemos:

Osso, 9

podemos sonhar com uma poesia
de faca diante
desta estupidez massiva

ou mesmo tomar um não
apertado até o osso
e tripas degradadas

antes de tudo, nada mais
que um desejo
um grande tapa de tudo
antes de pensar retomar
mais tarde as contas esperar
no impasse do momento

o tempo tornou-se mais fino e pesado
sob a plaina na pele
dos dias

líquen poesia líquen 2

Ao lermos esse poema, é interessante considerar as suas figuras, todas construídas a partir de elementos físicos concretos: “faca”, “osso”, “tripas”, “plaina” e “líquen”. Esses elementos servem para formar imagens as quais dão a impressão de serem palpáveis. Também vale considerar a dependência que os sentidos possíveis do poema têm dessas mesmas imagens, a começar por aquela construída pela metalinguagem. Nisso consiste, talvez, o segredo de sua interpretação.

Um poema como esse, que traz já em seu título a palavra “osso” e que, logo em seguida, no primeiro verso, legitima o sonho de uma poesia, reúne a imaterialidade da fantasia, presente na criação literária, e a materialidade dos objetos com os quais

² Tradução do autor deste artigo, a partir do original, que segue: **Os, 9/** on peut rêver d'une poésie/ au couteau face/ à cette bêtise massive/ ou bien tenir un non/ crispé jusqu'à l'os/ et boyaux déglingués/ en tête rien d'autre/ qu'un désir/ une grande gifle de tout/ avant de mesurer reprendre/ plus tard les comptes attendre/ dans l'impasse le moment/ le temps est devenu très mince et lourd/ sous le rabot à même la peau/ des jours/ lichen poésie lichen.

lidamos no cotidiano. E a partir daí metaforiza o processo de criação, sentido da forma mais imediata pelo corpo. É o que pode ser interpretado, ao lermos que a palavra poética pode ter a mesma função de uma faca: “podemos sonhar com uma poesia/ de faca/ diante desta estupidez massiva/ ou mesmo tomar um não/ apertado até o osso/ e tripas degradadas”.

Segundo essa passagem, além de ser apresentada como um sonho, a poesia pode ter o efeito de uma faca que corta a “estupidez massiva” e que, de certo modo, representa um “não”, uma espécie de negação dessa mesma estupidez, seja experimentada no convívio social, seja sentida no aperto doloroso da existência. E que, em todo caso, toca radicalmente o osso e as tripas degradadas. Na verdade, o corpo passa a ser uma espécie de ponto de emergência, um *topos* (lugar), onde se pode ver e de onde se pode sentir as coisas da alma, expressas principalmente em forma de náusea, para então saber delas.

A poesia é o recurso de que dispomos para refletirmos profundamente sobre a nossa condição no mundo e, em se tratando de uma existência complexa, percebermos a estupidez da própria vida. Trata-se de um corte que pode chegar até o osso e atingi-lo. Uma sentença opositiva, que avisa do caráter degradante daquilo que ocupa os lugares mais escondidos de nosso corpo e que abrigam, no poema, as entranhas.

Se considerarmos o restante da obra de Emaz, perceberemos que, no contexto, o poema de nossa análise apresenta uma preocupação com questões pontuais, talvez de natureza engajada social e politicamente. Afinal, a estupidez da vida tem a ver com o tempo, mais precisamente com a atualidade, ou melhor, com a contemporaneidade da obra, nesse caso mais especificamente no poema. Mas é o homem como um todo, em sua complexa e profunda humanidade, que se sobressai. Se aplicarmos estas palavras, de Sartre (2004, p. 21), ao poema de nossa análise, poderemos afirmar que Emaz

decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. Ninguém pode alegar ignorância da lei, pois existe um código e a lei é coisa escrita: a partir daí, você é livre para infringi-la, mas sabe os riscos que corre. Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.

Dar-se conta de sua própria condição é algo doloroso para qualquer ser humano. Isso talvez explique a dimensão do afeto vivido pelo sujeito que se angustia no poema, seja aquele que nele se expressa, seja aquele que por ele é igualmente afetado, ao

recebê-lo. Em todo caso, é a poesia que age como uma espécie de tábua de salvação, não no sentido ingênuo de iludir as dores da alma, mas no sentido de tornar suportáveis as mais diversas formas de aflição.

A poesia serve, portanto, para trazer à tona uma nova percepção das coisas e garantir a possibilidade dessa percepção. O conceito sartreano de necessidade, por exemplo, significa a superação de um estado de necessidade através da afirmação de um projeto de tornar possível o impossível. A dialética que existe entre o sujeito e o mundo é marcada por essa necessidade, afinal é ela mesma que funciona como a causa e, ao mesmo tempo, como a consequência das intervenções de um sobre o outro. Segundo Sartre (2009, p. 538), “é a partir do dia em que se pode conceber outro estado de coisas que uma luz nova ilumina nossas penúrias e sofrimentos e decidimos que são insuportáveis”.

Pode-se acrescentar que, ainda segundo essa citação de Sartre, a nova luz vem da própria poesia. Ao final do poema de Emaz, resta o líquen, próprio de meios hostis. Quando as condições de vida desse tipo de matéria se tornam impossíveis, ele cai em letargia, para renascer, desde que essas condições sejam novamente possíveis. Mesmo sendo mínima e sem glória, o líquen, ou melhor, a poesia líquen, do poema de Emaz, atravessa diversas fases e resiste, sem desaparecer. Além disso, é a única saída do sujeito angustiado que, se por um lado, encontra dificuldades para escrever sem ilusão, por outro, enfrenta a complexidade de parar e suportar em silêncio. Uma tarefa árdua e difícil – mas o único modo de permanecer em pé.

2. “Menino de sonho e ossos”

O poema de Age de Carvalho, escrito, por sua vez, em primeira pessoa, permite emergir de suas linhas uma subjetividade que é mais evidente do que no primeiro, de Emaz. Aqui, parece que todo o cenário descrito passa pela visão do eu lírico, cujos sentimentos e modos de percepção da realidade parecem estar envoltos por uma névoa. É como se as coisas da paisagem descrita fossem observadas por trás de um vidro embaçado. Na verdade, todo o poema apresenta uma inquietação poética, no sentido etimológico da *poiesis* grega, relativo ao processo de feitura do próprio poema, conforme lemos, nestes versos:

Vagarei pela inexistência da cidade,
por sob os telhados
 (nunca mais pelos da palmeira,
 que rescendiam a pão,
 e hoje resistem noutra tarde) da cidade,
sobre a vida que transpira na pele da idade
dos meus 20 anos
 de poeta,
 de aprendiz de arquiteto,
 menino de sonho
e ossos no universo de um quintal do norte.

Vagarei soturno por entre as mangueiras
com o coração exilado da cidade
 (talvez no quintal de outro país),
como os gazes noturnos desprendidos das usinas de
 [castanha
perseguido as nuvens levando uma esperança operária;
 como um homem e outro homem
(às duas da tarde);
 um homem e seu sonho; um
 Brasil, um brasileiro.

Aqui, o eu lírico assume, desde o primeiro verso, a sua errância natural de poeta. Afirma que vagará pela cidade, que é inexistente, ou seja, um *ouk topos* (não lugar), cuja existência é fugaz, existindo somente durante a elaboração artística (literária), seja por ocasião da escrita, seja enquanto o receptor lê e transforma, à sua maneira e conforme as suas próprias condições, os sentidos do poema. De fato, nesses versos de Age de Carvalho tudo que se diz e se mostra está determinado pelo tecido da poesia. E isso pode ser observado quando o eu poético assume a sua forma errante e afirma: “vagarei [...] sobre a vida que transpira na pele da idade/ dos meus 20 anos/ de poeta,/ aprendiz de arquiteto,/ menino de sonho/ e ossos no universo de um quintal do norte”.

O arquiteto, que evoca a profissão real do autor, é, no poema, o poeta. Trata-se de uma poesia que se constrói, à maneira da de João Cabral de Melo Neto, poderíamos comparar, e que, a exemplo do que lemos sobre o poema de Antoine Emaz no tópico anterior, tende a apropriar-se de elementos concretos, fornecidos pela natureza física e presentes nas modalidades de vida, ou melhor, no cotidiano. “Na pele da idade”, ou seja, na superficialidade das coisas, que guardam dentro de si profundidades desconhecidas. A lição poética se dá “pela cidade”, “sob os telhados” e “sobre a vida que transpira”. Arquiteto e poeta são um só. O mesmo aprendiz, que bebe da água dos sonhos da infância, o menino que, longe de significar os devaneios da memória, reinventada e atualizada, portanto experimentada novamente na poesia, reconhece-se na união entre essas coisas materiais e imateriais: sonho e osso. Sim, um “menino de sonho

e ossos”, um poeta que sonha a sua arte e, de modo semelhante ao de um arquiteto, ergue a sua obra.

Temos também em Age de Carvalho, pelo menos nesse poema, uma inquietação lírica diante dos problemas existenciais. Nesse caso, talvez até mais próximo do que Emaz do pensamento de Sartre. Porque há um traço existencialista, mas não algo tão parecido com o niilismo, presente, de certo modo, no poema do poeta francês. Mas, em todo caso, o poeta paraense também está apoiado na tábua da poesia.

Ao comentar a obra de Age de Carvalho segundo a filosofia de Sartre, Elielson de Souza Figueiredo (2013, p. 81) aponta para algo que podemos associar à criação poética, que é a relação entre os nomes e as coisas:

Nomear é talhar em tábua (ou em papel) uma cópia de algo que há, existe antes da imagem talhada, e isso nos faz desconsiderar que tanto a tábua quanto a imagem talhada (ou a palavra escrita) bem como o referente que se quer significar, são coisas que não se prestam a ser ou representar outras senão pela vontade deliberada de um sujeito livre leitor. No exercício de sua liberdade, o Homem atribui sentido ao mundo, mas de certa forma descuida da materialidade da coisa verbal. Por isso é que, se admitirmos que o nome é também uma coisa, fica clara a indistinção entre a Palavra e o mundo que o sujeito tenta investir de sentido. Como coisa, o nome é também pleno e intransitivo não admitindo relações fora de si. Por isso a Palavra é imagem e cópia, coisa Outra e existência em si que precisa ser tomada em sua existência antes de ser submetida à condição de portadora da essência ou significado atribuído ao mundo.

Se em Antoine Emaz a poesia é líquen, no sentido de ser material, sentida até as tripas, em Age de Carvalho o poeta é radicalmente capaz de reinventar o mundo por meio da palavra. Se considerarmos essa citação de Figueiredo, compreenderemos a cidade inexistente, etimologicamente utópica, como existente e resistente em sua própria existência, desde o instante em que é nomeada pela palavra poética. Na verdade, Age de carvalho não é somente ele transformado em sua poesia. Antes, é o próprio mundo que se transforma nas mãos do poeta e, independente de qualificação moral, torna-se suportável enquanto experimentação estética. Aqui também acontece a valoração da poesia, mas enquanto meio de percepção da realidade humana, do sujeito angustiado em sua existência, nauseado, porém, capaz de ficar de pé diante de tudo e apesar de tudo.

Essa relação entre as palavras e as coisas pode ser compreendida como uma maneira eficaz de resolução da separação entre as palavras e as coisas, que acontece quando o sujeito, desintegrado em sua existência, percebe o mundo igualmente

fragmentado. Mas essa resolução, por assim dizer, só se dá na criação poética, que já é, por si mesma, a tentativa de uma reparação. Ao comparar as personagens Roquentin, de *La nausée*, de Sartre, e Ana, do conto “Amor”, de *Laços de família*, de Clarice Lispector, Benedito Nunes (2009) escreve que, quando o protagonista do romance de Sartre se vê nauseado, por causa de sua angústia, ele percebe que as coisas estão soltas de seus nomes. O mesmo acontece com Ana, no conto de Clarice e, podemos, com base nisso, acrescentar que o mesmo acontece com o eu lírico do poema de Age de Carvalho. Na verdade, a necessidade de reinventar a realidade por meio da poesia é fruto dessa desintegração subjetiva de sempre unir novamente as coisas aos seus nomes, a fim de reorganizar o mundo e a humanidade.

O que há, no entanto, de diferente nesse poema de Age de Carvalho, além de seu lirismo mais explícito, é a presença de um sentimento de exílio, que não vemos no poema de Antoine Emaz, pelo menos nessa comparação. Isso atribui, de certo modo, um caráter contingencial ao primeiro, no sentido de que no poema se mostra um brasileiro fora de seu país, ao passo que legitima a universalidade poética do segundo. Este, de fato, não coloca em evidência um eu poético, expresso em primeira pessoa e localizado geograficamente, o que garante um caráter necessário ao sentido de seu poema, que não se reduz a um determinado tempo, nem a um lugar específico. Em todo caso, ambos tratam de questões humanas gerais, portanto universais, a partir de motivos diretamente relacionados à metalinguagem.

Considerações finais

Com base no que foi desenvolvido ao longo deste texto, é razoável concluir que as obras poéticas de Antoine Emaz e Age de Carvalho apresentam traços semelhantes quanto à abordagem de problemas existenciais fundados em motivos metapoéticos. Isso se esclarece depois da análise dos poemas “Os, 9”, de *De peu*, e “IV”, de *Arquitetura dos ossos*, ambos voltados para o tema da própria poesia como meio de lidar com a angústia, normalmente experimentada no corpo através da náusea.

Com base em parte da obra de Jean-Paul Sartre, é legítimo afirmar que a relação existente entre linguagem e afeto está presente nos poemas de nossos autores. Primeiro, Antoine Emaz radicaliza a angústia de tal modo que esta, mais acentuada em sua obra do que na de Sartre, chega à beira do niilismo, que só pode ser atenuado pela poesia. Em

Age de Carvalho, as formas de relação da palavra, ou melhor, do uso que o sujeito faz dessa palavra com as formas de emergência das dores da alma têm mais a ver com o existencialismo de Sartre. Não obstante, há uma profunda estreiteza entre nossos dois poetas quanto à valoração da poesia como meio inevitável de suportar a complexidade da vida, presente nas entranhas e nos ossos, mas que se expressa na pele. Nesse sentido, a materialidade se faz presente em ambos e os objetos concretos, tocados no cotidiano, são a real matéria poética.

Seja uma poesia de faca, que corta até o osso e aplaina a pele dos dias, em Emaz, seja uma poesia arquitetada sobre os telhados, por um menino de sonho e ossos, em Age de Carvalho, é o trabalho de escrita, movimentado pelo signo poético que está em jogo. O ofício de dois poetas: um marceneiro e outro arquiteto. Um homem e um menino. Ambos acolhem na linguagem a realidade das coisas para, através das palavras, modelar novas formas de matéria e sonho. Como as transformações do líquen, que resiste, num quintal do norte ou de outro país.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. *Arquitetura dos ossos*. Belém: Gráfica Falangola Editora, 1980.

EMAZ, A. *De peu*. Saint-Benoît-du-Sault: Éditions Tarabuste, 2014.

FIGUEIREDO, E. S. “Age de Carvalho Transformado”. *Ribanceira, Revista do Curso de Letras da UEPA*, Belém, vol. 1, n. 1. Jul. – dez. 2013.

NUNES, B. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SARTRE, J-P. *O que é a literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

_____. *O ser e o nada*. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

Aprovado em 03/07/2018